

Conclusão

A teoria da percepção de Leibniz é construída sobre o conceito de expressão. Perceber, de acordo com o filósofo, não consiste apenas num ato mental cognitivo, mas, principalmente, significa expressar, em forma de representação, a totalidade dos seres que compõem o universo. A mônada, isto é, a substância simples, é concebida como um “espelho vivo do universo”, contendo em si mesma, na forma de percepção, a representação de todas as demais mônadas, que juntas constituem o mundo ao qual pertencem. De tal tese metafísica decorre que há uma interconexão global entre elas, que é organizada, ordenada pela harmonia preestabelecida, de maneira que para tudo o que ocorre em uma há reflexos nas demais.

Contudo, da ideia de que “tudo está ligado” não decorre que todas as mônadas são dotadas da perfeição da onisciência. Como criaturas, apesar de tudo perceberem, as mônadas estão em geral limitadas a terem consciência apenas de uma parte de suas percepções, de acordo com o ponto de vista que ocupam, ou seja, de acordo com o grau de distinção a partir do qual expressam o universo. Dessa maneira, Leibniz é levado a distinguir a percepção da apercepção, evento este relacionado diretamente com a consciência. Nesse sentido, o filósofo também diferencia as impressões sensíveis das sensações: enquanto é preciso que as primeiras se deem continuamente, ainda que não as notemos, as segundas somente ocorrem quando estamos num estado consciente. Assim, podemos não notar um ruído ao qual estamos acostumados, porém só dizemos que temos dor quando notamos tal efeito.

Além disso, a harmonia preestabelecida envolve a ideia de que toda mudança na natureza ocorre continuamente, ou seja, é regulada pelo princípio do contínuo. Este reza que a natureza “não dá saltos”, de maneira que todo intervalo num processo de mudança deve ser preenchido por estágios intermediários, ou seja, de maneira que se cumpra o requisito da densidade.

Posto isto, temos, por um lado, a percepção, sempre presente em todas as mônadas, e, por outro, a apercepção, que ocorre somente em algumas mônadas e

em determinados momentos. A questão que daí se segue, e que foi discutida ao longo desta dissertação, é a de como coadunar esses dois eventos com o princípio do contínuo. Quanto à percepção, não há grandes dificuldades, uma vez que, por compor a atividade básica das mônadas, ela ocorre perenemente, donde se deriva o seu acordo com aquele princípio. A dificuldade se reduz à compreensão do conceito da apercepção e sua relação com o contínuo, o que chamamos de o problema leibniziano da consciência.

Como foi dito, há três maneiras de compreender a apercepção e, portanto, de explicar a consciência. A primeira opção é associá-la de forma intrínseca à percepção, de maneira que se teria que admitir que todas as percepções presentes em todas as mônadas são, em alguma medida, conscientes. Essa interpretação, chamada *Consciousness all the way down* é, contudo, imediatamente refutada pelas inúmeras passagens nas quais Leibniz nega que a consciência seja um evento desse tipo, isto é, constantemente presente.

A segunda opção interpretativa é compreender a apercepção como uma percepção de segunda ordem, que, se presente, acarreta a consciência das percepções de primeira ordem. Tal interpretação, todavia, baseada na tese do *higher-order thought* (HOT), como mostramos, engendra dificuldades ainda maiores para o pensamento leibniziano. O ponto principal da crítica é que os defensores de tal posição, em geral, pressupõem a consciência como um evento descontínuo, do tipo “tudo ou nada”. Com isto, caso se aceite a interpretação do conceito de apercepção como uma percepção de segunda ordem, estar-se-á abdicando do princípio do contínuo, o que não parece ser um resultado favorável à filosofia de Leibniz.

A terceira e última opção é compreender a apercepção como relativa ao grau de distinção das percepções de primeira ordem, sem, portanto, o recurso a tipos especiais de percepção. A *first-order theory*, assim, tem a vantagem de salvaguardar o princípio do contínuo, já que a consciência é diretamente ligada ao aumento contínuo do grau de distinção das percepções.

Deste modo, tal interpretação parece ser a que melhor se coaduna com a ideia de continuidade, e que, portanto, melhor explicaria o fenômeno da consciência segundo Leibniz.

Contudo, como vimos, a teoria de primeira ordem sofre a objeção de se reduzir à primeira opção, defendendo, finalmente, que a consciência é presente

constantemente. Com isto, a fim de mostrar que ela é realmente a melhor interpretação do conceito de apercepção, os defensores de tal teoria devem oferecer soluções a esse problema. É o que faz a interpretação, com a qual concordamos, de Jorgensen, que afirma que essa consequência não decorre da teoria de primeira ordem, uma vez que, assim como o movimento, a consciência envolveria uma transformação de natureza (*kind*) compatível com o contínuo. Nesse sentido, o aumento contínuo de distinção das percepções somente acarreta um estado consciente caso atinja um grau suficiente de força para atrair nossa atenção; caso contrário, apesar de envolver algum nível de distinção, a percepção seria apenas mais uma percepção que não notamos. Portanto, respondida a mais forte objeção à teoria de primeira ordem, podemos concluir que esta é a que melhor se adequa ao pensamento leibniziano, sendo preferível às demais.